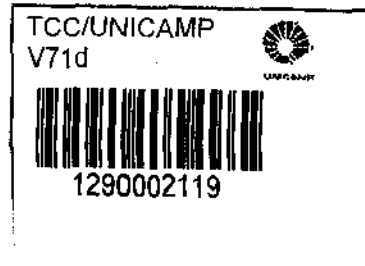


CÁSSIA VIEIRA

**DANÇA PARA DEFICIENTE FÍSICO: UM
CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO COM A
SOCIEDADE BUSCANDO AUTO-
CONHECIMENTO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
1997**

CÁSSIA VIEIRA



**DANÇA PARA DEFICIENTE FÍSICO: UM
CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO COM A
SOCIEDADE BUSCANDO AUTO-
CONHECIMENTO**

Monografia apresentada como
exigência parcial para a
obtenção do título de
treinadora de Educação
Física, sob orientação do Prof.
Dr. José Júlio Gavião de
Almeida

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
1997**

AGRADECIMENTOS

À Deus

Aos meus pais Fortunato e Maria por tantas oportunidades e por terem estado sempre me incentivando. Às minhas irmãs Carla e Carina e aos meus avós Antônio e Francelina.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, pela pessoa maravilhosa que é, por sua paciência, bom humor e dedicação na contribuição da construção deste trabalho.

Aos professores da FEF Unicamp, os quais me deram oportunidades de obter conhecimentos diversos.

Aos bibliotecários Gonzaga e Edson.

A todos os meus colegas e amigos de longe e de perto pela simpatia e amizade.

Às amigas Liliana e Célia por me ouvirem em tantos momentos, e pela contribuição com a digitação deste trabalho.

À amiga Lara, por sua contribuição em minhas ausências na academia.

A todos os meus alunos e alunas, muito queridos, que contribuíram para a escolha destes temas.

Ao Fábio, por ser uma pessoa muito especial e por estar presente em longo período de minha vida e também pela dedicação e ajuda em digitar e editar esta monografia.

São infinitas as palavras de agradecimento, e são muitas as pessoas que contribuíram indireta ou diretamente para que eu pudesse alcançar mais esta desejada etapa. Um simples e humilde agradecimento a cada colega, amigos e pessoas que passaram por minha vida.

RESUMO

Este trabalho vem descrever a dança em seus estilos individuais através de um estudo bibliográfico, enfocando-a como arte, educação e expressão corporal consciente e dirigida a comunidade estando ao alcance de todos.

Este tema aborda sobre a preocupação de integrar o deficiente físico à sociedade, através do inter-relacionamento com a dança, entendendo que hoje devemos criar mais e reforçar processos de participação do deficiente físico, fazendo-o incorporar físico e socialmente, em todos os ambientes, concedendo oportunidades e direitos, iguais aos que os cidadãos não deficientes possuem.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I - DANÇA.....	4
I.1 - UM POUCO DE HISTÓRIA.....	6
I.2 - DEFINIÇÃO	8
II - TIPOS E DIFERENÇAS BÁSICAS DE DANÇA.....	10
II.1 - BALLET CLÁSSICO OU DANÇA CLÁSSICA	12
II.2 - BALLET MODERNO OU DANÇA MODERNA	15
II.3 - JAZZ-BALLET	17
II.4 - VÁRIAS DANÇAS FOLCLÓRICAS	18
III - DANÇA COMO ARTE, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO CORPORAL CONSCIENTE.....	20
III.1 - DANÇA COMO ARTE	21
III.2 - DANÇA COMO EDUCAÇÃO	22
III.3 - DANÇA COMO EXPRESSÃO CORPORAL.....	23
III.4 - DANÇA ARTE, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO CORPORAL.....	25
IV - DEFICIENTE FÍSICO NA DANÇA.....	26
IV.1 - DANÇA PARA O DEFICIENTE FÍSICO	28
IV.2 - IMAGEM DO DEFICIENTE FÍSICO NA SOCIEDADE.....	29
IV.3 - INTEGRALIZAÇÃO DO DEFICIENTE FÍSICO NA SOCIEDADE	34
IV.4 - A CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA PARA O DEFICIENTE FÍSICO	36
IV.5 - O QUÊ E COMO DANÇAR.....	38
V - CONCLUSÃO.....	39
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

“ O corpo é o primeiro momento da experiência humana. O sujeito, antes de ser um Ser que conhece, é um ser que vive e sente, que é a maneira de participar, pelo corpo, do conjunto da realidade.”
(Venâncio,1994,p.40).

Este trabalho visa mostrar o que vem a ser a dança, onde encontramos algumas definições segundo alguns autores para esta e para seus diversos estilos.

Fizemos uma união da dança educativa, artística e expressiva.

Este teve como principal objetivo proporcionar a integração do deficiente físico à sociedade através da dança, mostrando sua imagem sem discriminação, e as possibilidades que há nos dias de hoje.

Pensamos na importância desta, revendo em análises rápidas, nossos encontros com a dança.

Em meu aprendizado, a dança sempre se fez presente, desde cedo convivi com diversos estilos, entre eles o ballet clássico, ballet moderno, jazz e ginástica.

Antes do curso de graduação passei a contribuir com informações para vivência da dança para crianças, como monitora já administrei turmas de crianças, ensinando-as a vivenciar movimentos com o corpo, através da dança.

Ao entrar em contato com o curso de graduação em Educação Física pouco nos foi acrescentado conhecimentos de dança, diante de nossas expectativas.

Os cursos de Educação Física trouxeram-nos poucas informações sobre as técnicas de dança, uma vez que não há tradição em pesquisa na área de dança, como acontecem em alguns cursos, como o de artes, que considera a dança no sentido de manifestações artísticas.

Porém, com as aulas de psicologia, anatomia, fisiologia, recreação, ginástica geral, atividade física e esportes adaptados e diversas outras, contribuíram para uma nova interpretação da dança.

Pudemos assim, vivenciar a dança num sentido educativo, não somente como arte, mas também anatomicamente, biologicamente, fisiologicamente, emocionalmente e até prazerosamente, possibilitando abertura de espaços a uma clientela bastante ampla e heterogênea para vivenciá-la de forma a descobrirem-se corporalmente e conscientemente.

Ao me deparar com a realidade dos sentimentos vivenciados com a dança enquanto bailarina e as experiências pedagógicas que norteiam para reflexões que

confrontaram estas passagens entre o meio acadêmico e o artístico.

A dança sempre foi uma maneira das pessoas se expressarem na tristeza, na alegria, na ansiedade, no nervosismo, é através do corpo que ela descreve os mais variados sentimentos, levando o bailarino a conversar com o público presente ou aquele em sua imaginação.

Por ser uma apaixonada pela dança, considerando-me uma bailarina no meu modo de entender, com movimentos e expressões sem me preocupar com o aperfeiçoamento em determinadas técnicas e sim com a emoção que sinto através de uma música ou ritmo, que invadem meu corpo, onde o consciente se comunica com o subconsciente, sem necessidade de qualquer palavra.

Com isso acredito que a dança não é somente arte, ou educação, mas também expressão corporal induzida por sentimentos.

É por acreditar na contribuição da dança como algo maior do que somente uma expressão de técnicas com possibilidades de ser viabilizada a vários grupos de pessoas, tais como crianças, adolescentes, adultos, idosos e portadores de deficiências, que me proponho ao desafio de estudar a dança com a finalidade de proporcioná-la aos portadores de deficiência física, fazendo sua integralização com a sociedade, tentando minimizar a discriminação, vencendo as dificuldades e limites encontrados por esta clientela.

I - DANÇA

“A dança surgiu como forma de encantamento” (Robatto, 1994, p.33)

1.1 - UM POUCO DE HISTÓRIA

A dança teve sua origem com o próprio homem, desde a época dos primitivos, onde estes dançavam representando os desenhos e as pinturas gravadas nas cavernas e nas pedras.

Dançava-se por rituais, para pedir, chuva aos deuses, colheita, caça, cura, morte e guerra.

A medida que se criava civilizações, as formas de dança se estruturavam e se tornavam típicas de acordo com a cultura da civilização que a praticava.

Na Idade Média, no mundo ocidental a dança passou a ser espetáculo e forma de diversão, passando a existir um público para os apresentadores dançarinos.(Robatto,1994).

A aparição das danças dava-se pela revolução da história vivenciada pela cultura dos povos.

Os corpos já não mais dançavam livres, com liberdade de expressão.

A dança nesta época do Renascimento, se resumem em corpos marcados por códigos, tendo como objetivo alcançar uma melhor performance, de uma técnica mecanicamente imposta; esta era dada pelo ballet clássico.

Este perdura até hoje, conservador por um tradicionalismo típico europeu.

No Brasil, após 1922, na época do Modernismo, com novos acontecimentos culturais e históricos, os artistas passaram a manifestar a arte popular.

O Modernismo no Brasil, influenciado por Paris, luta contra o colonialismo cultural e pela valorização de uma linguagem genuína, fora das formalidades acadêmicas e mecanicamente impostas.

A criatividade e a criação prevalecem, na música, na pintura, no teatro e na dança.

A dança moderna foi criada por Isadora Duncan, que dançava fazendo revolução, indo contra o academicismo dos movimentos e pondo em prática sua dança, sendo baseada e construída através dos fenômenos da natureza.(Garaudy,1980).

No final do século XX, encontramos-nos com uma pluralidade de formas de expressão, tendo como predominância a criatividade, para uma configuração da dança, sendo esta livre para expressar inúmeras idéias já vividas.

Classificou-se dança como: primitiva, folclórica, expressionista, característica etnológicas, clássica ou ballet moderno, acrobática, de salão, sapateado, opereta ou comédia musical e de jazz.

1.2 - DEFINIÇÃO

A Dança possui muitas definições, inclusive quando generalizada em cada estilo ou forma.

A dança além de seus estilos e formas é algo muito mais profundo, é a expressão de um sentimento, são meios na qual uma pessoa movimenta-se em estilos iguais, mas com características diferentes, pois cada corpo é um corpo e nunca uma pessoa se expressa e se identifica de forma a outra, mesmo quando estas são gêmeas idênticas.

Um movimento já dançado nunca será exatamente idêntico ao se repetir.

Generalizando, a dança é executada a partir de sentimento, estado de espírito, condições anatômicas e biológicas, culturais, enfim, ela é composta por um conjunto de fatores que influenciaram na sua construção.

Para Dalal Achcar(1990), bailarina e coreógrafa; na dança prevalecem a estética e a musicalidade. É arte e movimento de expressões.

(Fux,1983), descreve que a técnica da dança deve sempre estar em evolução, sendo adquirida nas expressões que as pessoas possuem dentro de si.

(Laban,1990), diz que os movimentos da dança são relacionados com o mundo.

Já o filósofo Garaudy(1980), diz que a dança é uma união de corpo, espírito e coração, onde esta é um esporte completo.

(Garaudy,1990) "*É que dança não é apenas uma arte* , mas um modo de viver" (1980).

Como vimos, mesmo através de diferentes interpretações de diferentes professores, sobre dança, percebe-se que esta transcende as mensurações acadêmica-científicas comuns, uma vez que tratar sobre temas que possuem laços estreitos como "expressão de movimentos", ou do envolvimento do "espírito" na dança, requererá para esse estudo, um tratamento técnico nada isolado de informações outras que reforçaram e solidificaram a cultura da dança.

No entanto, é preciso entrar em contato, como faremos a seguir, sobre algumas formas expressivas e populares de dança, caracterizadas na sua essência, por estilos e técnicas particulares.

II - TIPOS E DIFERENÇAS BÁSICAS DE DANÇA

“Há estilos históricos e étnicos, alguns cumprem funções sociais, outros servem ao ritual e ao culto religioso, muitos surgem de grupos de pessoas, enquanto que outros foram criados por artistas individuais e por professores de dança. Uns poucos adquiriram status clássicos, enquanto que outros pertencem ao domínio popular”. (Rudolf Loban, 1990, Robatto, L., p.135).

II.1 - BALLET CLÁSSICO OU DANÇA CLÁSSICA

O ballet clássico baseia-se nas cinco posições dos pés e algumas posições de braço; são posições básicas que permitem a locomoção do bailarino para qualquer direção e sentido.

Este é composto pela dança através de espetáculos de poesia, música, mímica, pintura e elementos decorativos, com movimentos de cabeça, braços, tronco, pernas e pés; os movimentos e figuras são muito constantes no ar.

A coreografia do ballet clássico é caracterizada por passos diferentes, com postura de gestos e figuras elaboradas pela criatividade do bailarino professor coreógrafo, para um interprete ou um grupo; onde estes se apresentam para uma platéia.

O ballet tem sua história registrada há 500 anos atrás, na Itália, em 1581 é introduzido na França por Catarina de Medicis, tendo grande destaque o “Ballet Cômico da Rainha”, em 1847 o Centro Mundial de Dança se transfere de Paris para São Petersburgo na Rússia, em 1911 cria-se o “Ballet Russo” e a até 1929 encantaram a Europa e a América, (Lagôas, 1989).

A partir do Renascimento o ballet clássico se caracterizou por contar histórias através dos movimentos e expressões dos bailarinos.

Estas histórias foram dançadas por bailarinos de várias épocas, entre elas; "A Sílfiide", ballet em 2 atos; Paris, 12 de março de 1832; "Gisele", ballet em 2 atos; Paris, 21 de junho de 1841; "Copélia", ballet em 3 atos, Paris, 25 de maio de 1870; "A Bela Adormecida", ballet em 3 atos, Rússia, 15 de janeiro de 1890; "O Lago das Cisnes", ballet em 4 atos, Rússia, 8 de fevereiro de 1895; "A Cinderela", ballet em 3 atos, Londres, 23 de dezembro de 1848 e uma nova versão em 1893 em Moscou; "O Quebra Nozes", ballet em 2 atos, Rússia, 17 de dezembro de 1892; "Petrouchka", ballet em 1 ato e 4 cenas, Paris, 13 de junho de 1911; "Romeu e Julieta", ballet em 2 atos, Rússia, 1940; "a Megera Domada", ballet em 2 atos, Alemanha, 1969; "Carmem", ballet em 5 atos, Londres, 21 de fevereiro de 1949.

O ballet tomou muitas direções e por ser uma arte viva continua mudando e tendo novas formas e modelos , as peças de ballet são reproduzidas com algumas verdades e mudanças inovadoras, mesmo assim é importante conhecermos as histórias tradicionais, pois estas nunca serão imortais, para termos uma melhor interpretação do ballet clássico apresentado.

Os passos do ballet clássico receberam sua nomenclatura em francês e são utilizados na dança até hoje, podemos encontrar vários dicionários de ballet alguns deles; Dicionário Técnico do Ballet de Leda Luqui, Curso de Balé Royal Academy of Dancing, prefácio de Dame Margot Fonteyn de Arias, Basic Ballet, etc.

Para a prática do ballet clássico é necessária bastante disciplina e concentração, é exaustivo e utiliza muito tempo de estudo da bailarina que tem necessidade de se tornar independente muito cedo.

O nível dos bailarinos são compreendidos por baby class, grau- pré primário, primeiro grau, segundo grau, terceiro grau, quarto grau, quinto grau (sênior).

Em relação ao uniforme o bailarino deve sempre estar com os cabelos presos com coque, vestidos com colãs, meia calça e sapatilha.

As sapatilhas podem ser de couro, pelica ou lona .

Os bailarinos que dançam na ponta dos pés, devem estar aptos para esta prática, devendo ter efetuado um estudo de ballet por no mínimo dois anos e o aluno deve ter no mínimo onze anos de idade. No curso de balé da Royal Academy of Dancing, adotam-se sapatilhas de gesso na ponta, sendo as de estudante iniciante mais arredondada na ponta. Existem a sapatilhas especiais para profissionais que são pontiagudas.

As aulas devem ser executadas na maior parte junto a barra e em seguida passos e exercícios no centro e nas diagonais da sala.

Todo bailarino necessita de aulas de alongamento para obterem uma maior flexibilidade e poderem executar seus exercícios com maior amplitude de movimentos.

A música para as aulas podem ser ao vivo com instrumentistas, ou gravadas, tendo estas uma uniformidade de ritmos para a contagem na execução dos exercícios e passos.

Hoje o ballet clássico, apesar de expressar-se em essência por uma certa "rigidez" técnica, é considerado ainda uma base para todas as danças.

II.2 - BALLET MODERNO OU DANÇA MODERNA

O Ballet moderno é baseado em coreografias de dança do ballet clássico, sendo os movimentos clássicos modernizados, sem manter uma forma rígida de passos e movimentos técnicos.

O ballet moderno caracteriza-se por uma grande liberdade de movimentos de expressão, dando maior ênfase aos sentimentos, os sonhos, as fantasias, as idéias e as emoções do homem.

Os movimentos e as figuras corporais são constantemente variadas em pé, no ar e no chão.

Os grandes nomes da dança moderna destacam-se : Isadora Duncan, Ruth St., Denis, Rudolf Von Laban, Mary Wigman, Kurt Joos, Ted Shawn, Martha Graham, Doris Humphrey, Charles Weidman, Hanya Heolm, José Limon, Paul Taylor, Dore Hoyer, Pauline Kons e Nina Verchinine.

A criadora da dança moderna foi Isadora Duncan, dançarina revolucionária. Achava a técnica importante para os exercícios, mas a dança não deveria ser de passos mecanicamente combinados (Garaudy, 1980).

Ela buscou a dança em seu corpo baseando-se nos fenômenos da natureza.

A primeira escola com a técnica do ballet moderno foi criada por Ruth Saint-Denis e Ted Shawn, a dança era religiosa e o corpo separado do espírito.

Marta Gram formou-se nesta escola, mas para ela a dança e o teatro eram uma coisa só; porque o teatro era participação e não espetáculo.

A prática do ballet moderno é dada com uniforme mais livre, podendo a bailarina estar vestida como para uma aula de ballet clássico, ou então com um macacão de malha ou outra roupa aderente ao corpo.

É utilizado nos pés sapatilha, sapatinho com salto ou sem ou botinha, sendo estes de couro, lona, ou corvim.

Os exercícios devem ser executados junto a barra, também no centro e nas diagonais da sala, com fundamentos no ballet clássico, aplicando contrações e relaxamento da musculatura. Os movimentos podem ser executados fora do eixo corporal imaginário.

A música pode ser lenta ou rápida, atual ou não.

Enfim, o ballet moderno está “chamando” tanto às condicionantes técnicas do ballet clássico, quanto às formas menos rígidas e mais espontâneas de expressões do movimento.

II.3 - JAZZ-BALLET

A técnica do Jazz-Ballet foi criada pelos criadores da dança moderna que na América se inspiraram no ritmo típico americano do Jazz, criando novas coreografias de dança (Achcar, 1980).

Nova York é o grande centro para o ensino do Jazz.

Essa técnica é fundamentada nos exercícios do ballet clássico e nas formas do ballet moderno, sendo as coreografias dançadas no ritmo do Jazz.

O sistema de aulas é o mesmo do ballet moderno e a vestimenta também.

Em destaque no Jazz tem-se Alvin Ailey, Luigi, Jo-Jo Smith, em Nova York e no Brasil Alain Leroy, Lennie Dale, Vilma Vernon, Carlota Portela, Marly Tavares.

Vale enfatizar aqui que mesmo tendo como base dois estilos de dança bem distintos e sólidos (clássico e moderno) o jazz-ballet possui característica própria de lidar com a expressão dos movimentos.

II.4 - VÁRIAS DANÇAS FOLCLÓRICAS

A dança folclórica é tradicional de um país ou região; ela é uma evolução da dança primitiva.

Essa dança mostra características do meio ambiente e influências culturais dos povos.

Segundo Pinto e Elmerrich (1972), podemos destacar entre estas, algumas danças de diversas regiões e países:

Can-can: dançada no teatro francês, muito dançada nos dias de hoje, caracterizando dança de cabaré;

Ciranda: dança portuguesa, onde é dançada hoje por crianças em escolas;

Foxtrot: dança norte-americana possui várias versões;

Mambo: dança cubana;

Quadrilha: dança francesa, dançada em nosso país nas comemorações juninas;

Valsa: dança alemã, dança comemorativa apresentada em bailes de formatura e de debutantes.

Destacamos neste momento algumas danças brasileiras:

Bumba-meu-boi: representando a morte e a ressurreição do boi, popular no nordeste;

Samba: dança angolana, destaque no Brasil;

Maracatu: típica do recife baseada em religiões.

“ A revelação do ser humano através do reflexo e da reflexão das condições de vida, em termos pessoais, sociais e de idéias é função básica para o equilíbrio da vida psicológica de um indivíduo ou povo”. (Lia Robatto, 1994, p. 36)

III - DANÇA COMO ARTE, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO CORPORAL CONSCIENTE.

III.1 - DANÇA COMO ARTE

A dança como arte se caracteriza pela apresentação de sua beleza, interpretação e manifestação de movimentos executados por bailarinos a uma platéia.

Os bailarinos¹ esperam dessa platéia um retorno de adoração e apreciação, da beleza estética de seus movimentos, da música, figurino e do cenário que estão presentes na dança.

“Até o século passado quando tínhamos conhecimento de que na vida do homem só existiam o corpo e espírito” ... “o pensamento parecia ser a razão das nossas decisões e a arte era considerada como uma fusão destes pensamentos lúcidos e refletidos com o talento ou dom natural que se manifestava para as letras, desenhos, pinturas, músicas, canto, dança, escultura ou qualquer forma de arte”. (Dalal Achcar, 1980, p. 437)

A arte sempre foi contemplativa a quem conhecia e praticava.

Arte: “modelo pelo qual se obtém êxito; habilidade: a arte de agradar, de comover. Expressão de um ideal de beleza nas obras humanas: conjunto de obras artísticas”.(pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse).

Portanto, a dança, independentemente de exigências maiores ou menores de expressão técnica, procura alcançar diante de suas expressões e manifestações, um estado de fusão entre estas e que só caracteriza-a como arte a partir da leveza, da habilidade e de decisões que só poderão ser contempladas através de sua prática e estudos.

III.2 - DANÇA COMO EDUCAÇÃO

A dança pode ser aplicada num sentido educativo, buscando um conhecimento corporal através dos conhecimentos dos limites e capacidades de seu corpo.

A dança como educação pode caracterizar-se por sua “vivência corporal” fazendo com que o bailarino possa experimentar os movimentos de seu corpo buscando um auto-conhecimento.

Educando através da dança, podemos ter um auto-conhecimento do corpo, quando esse se movimenta e dança.

Os bailarinos não mais irão respirar por respirar e sim sentir e entender as formas de respiração. Os movimentos, não serão somente de beleza e harmonia, mas

¹ Aquele que baila por profissão; p. ext. indivíduo que dança bem; dançarino. (Novo Dicionário Aurélio, 1ª ed.)

sim movimentos conscientes da existência de seu corpo e mente, trabalhando unidos na forma de dança.

Educação: "ação de desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais. Conhecimento e prática dos hábitos sociais."(pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse).

A dança, pela força popular e até cultural em que está inserida, já é por si, mesmo que de maneira assistemática, fonte de educação. Reforça-se para este estudo o valor de se explorar a dança enquanto formalidade sistemática de educação.

III.3 - DANÇA COMO EXPRESSÃO CORPORAL

A dança através de seus movimentos e passos, pode ser desenvolvida através do método de aprendizagem de expressão corporal.

A expressão corporal torna a pessoa que a pratica com um melhor auto-conhecimento do que está dentro de si, explorando tudo que seu corpo tem a oferecer.

O corpo fala e através desta linguagem que a dança pode ajudar o bailarino a exteriorizar todo sentimento de

amor, ódio, revolta, angústia, liberdade, felicidade, alegria etc.

Praticando a dança se expressando corporalmente poderemos ir de encontro com o nosso interior, descobrir sentimentos escondidos.

Deixemos uma música tocar e assim nossos corpos devem se movimentar no ritmo da música, observaremos a expressão que estamos fazendo, o que a música nos levou a determinados movimentos e expressões.

Dançar se expressando tem por objetivo fazer o dançarino soltar-se, desinibir-se tornando sua comunicação clara, de tudo que se encontra em seu interior e querer interpretá-lo.

“A experiência do corpo é descobrir o ritmo interno através do qual se pode mobilizar a via de comunicação que há em seu interior. Para isso, o corpo deve ser motivado e sobretudo, ter um sentido: porque movo e para quê.”

III.4 - DANÇA ARTE, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO CORPORAL

Acredito, devido ao conteúdo de bibliografias e a experiência em dança que pudemos vivenciar, que esta é composta pela arte, educação e expressão corporal, onde podemos fazer a união destas, trabalhando a dança com a prática da arte, em formas demonstrativas, onde uma platéia possa ter uma admiração pela dança apresentada. Para que isso aconteça com um significado expressivo, os bailarinos devem aprender a se conhecer se educando e aprendendo suas capacidades e prazeres corporais, de maneira que possam estar participando com sua alma e descrever com seu corpo expressões corporais conscientes.

A dança está no cotidiano das pessoas, no modo de se locomoverem, nos gestos, nas angústias, nos sofrimentos, nos sorrisos de alegria, são nessas formas que coreógrafo em minha imaginação.

IV - DEFICIENTE FÍSICO NA DANÇA

“ Entretanto, há tantos corpos, como há corpos! E há tantas possibilidades; Como há possibilidades!” (Cláudia Maria Guedes)

IV.1 - DANÇA PARA O DEFEICIENTE FÍSICO

Frente ao fato da pluralidade na convivência entre tendências, técnicas e formas de ver e representar o universo, existem muitas linguagens corporais na dança.

Os corpos que dançam hoje, possuem formas e características físicas e estéticas diversas.

A dança improvisada, que utiliza algumas técnicas da dança de expressão corporal, da dança educativa, da dança artística, abre caminho ao dançarino de criar e manifestar diferentes formas de suas idéias e sentimentos, através da sua única e singular linguagem corporal própria, tendo este uma enorme liberdade de se expressar.

Desta dança improvisada notamos a importância de cada dançarino de formas e características físicas diferentes para a contribuição da dança como obra artística, não deixando de lado esta aprendizagem no sentido educativo, tendo também enfoques da psicologia terapêutica.

Segundo FUX (1983), "A dança não deve ser privilégio daqueles que se dizem dotados, ela deve ser ministrada na educação comum, como uma matéria de valor estético, de peso formativo, físico e espiritual".

Acreditamos que o interesse pela dança pode ser despertado a todas as pessoas, entre estas, crianças, adolescentes, adultos, idosos, estas pessoas ditas normais

de diversas idades, deficientes visuais, auditivas, mentais e físicos. Por existir um campo muito restrito relacionado à dança para pessoas “especiais”, é que me despertou o interesse em estudar a dança aplicada aos portadores de deficiência física.

“A técnica deve ser flexível e nunca deve ter um fim em si mesmo. Em dança, técnica é uma forma de expressar a vida e deve evoluir sem cessar. A técnica deve evoluir permanentemente e deve basear-se no reconhecimento de que tenha um sentido para expressar o que alguém tem dentro”(FUX, 1983).

IV.2 - IMAGEM DO DEFICIENTE FÍSICO NA SOCIEDADE

Segundo informações adquiridas por Bertin (1996), podemos notar a grande discriminação que a sociedade impõe a essas pessoas; estes são encarados como fora do padrão de normalidade.

As pessoas deficientes não são iguais as não deficientes e a sociedade tem dificuldade em conviver com diferenças, sendo assim o deficiente que possui uma marca em seu corpo, é rejeitado e desvalorizado.

Ao olharmos para um deficiente já temos inconscientemente uma imagem de que este é incapaz e coitado, nunca os olhamos como vencedores em seu futuro, tendo uma vida profissional, amorosa ou social de sucesso. Achamos que esses sempre serão dependente de um outro Ser, sendo considerado fracassado.

Muitas pessoas de nossa sociedade identificam as características físicas e externas à natureza interior de um indivíduo. A cultura da sociedade é que impõe ao seu povo o que é belo e feio, capaz ou incapaz, certo ou errado, e muitas vezes estas imposições são formadas sem uma análise, ficando estas determinações utilizadas, mesmo estas sendo na prática determinações falsas.

A palavra "deficiente" já rotula uma pessoa, pois segundo Larousse (1979), deficiente quer dizer: "insuficiente, insatisfatório, medíocre./ psicólogo diz-se que uma pessoa tem diminuídas as faculdades físicas e intelectuais.

A declaração dos direitos das pessoas deficientes, aprovada pela assembléia geral da ONU, descreve em seu artigo I: "o termo "pessoas deficientes" refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesmo, total ou parcialmente as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais."

Diante de nossos olhos há tamanha discriminação aos deficientes, sejam eles físicos, mentais, visuais e auditivos.

Estes, por se sentirem acuados por tamanha pressão pela sociedade, mostram-se envergonhados, desencorajados, para saírem de suas casas e seu interior extremamente fechado, mesmo sentindo que são capazes se executarem ou serem úteis para diversas coisas até de melhor maneira do que pessoas consideradas “normais”.

Não há espaço para o deficiente físico na sociedade, ele é totalmente esquecido, pois não nos preocupamos em criar espaços adequados para eles. Nada para eles é pensado com importância e preocupação, desde seus meios de locomoção com cadeiras de rodas, muletas e demais aparelhos, são extremamente caros, impossibilitando de possuí-los.

Para os que possuem os meios de locomoção, a dificuldade continua, pois não existem espaços apropriados para que eles circulem, as ruas são esburacadas, as calçadas não são rebaixadas, os meios de transportes, como ônibus, são construídos na entrada e saída com degraus, seu espaço interior não permite cadeiras de rodas e nem muletas.

Enfim, as escolas e os meios de diversão são todos construídos de forma a não existirem deficientes físicos freqüentando tais ambientes. Com tanta dificuldade e discriminação moral, os deficientes físicos permanecem numa limitação muito grande.

Palavras de Rodrigues (1987), “cada cultura ‘modela’ ou fabrica a sua maneira no corpo humano”.

"Pela cultura o mundo passa a depender em larga medida das convenções sociais, variáveis de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, de tempo para tempo, o que vale também para os sentidos, por meios dos quais em cada lugar e em cada tempo os homens se relacionam com o mundo". "suscita-se desde cedo a vergonha dos próprios corpos daqueles que não se enquadram nos modelos que as classes favorecidas exibem, pois pela própria diversidade de estilos de vida, que as diferenças classes são obrigadas a observar, os não privilegiados neles não podem reconhecer."

Pelo relato de Buscaria (1993), em seu livro podemos identificar os tratamentos diferentes aos deficientes nas tribos indígenas e na história; podemos então afirmar que os estigmas dos deficientes são determinados pelos valores culturais estabelecidos por um povo ou sociedade. "Os índios Masai matavam suas crianças deficientes; a tribo Azand as amava e protegia, os Chagga, da África oriental, usavam seus membros deficientes para afastar o mal, os Jukun, do Sudão, achavam que essas pessoas eram um produto dos espíritos do mal e as abandonavam à morte. Os Sem Ang, da Malásia, consideravam as pessoas aleijadas como sábias e elas como encargo a resolução das disputas tribais; os Balineses, transformaram em um "tatu "social. Os antigos Hebreus viam a doença e os defeitos físicos como uma marca dos pecadores; os nórdicos faziam de tais pessoas, deuses. Na idade média os deficientes físicos e mentais eram freqüentemente vistos como possuídos pelo demônio e eram, portanto, queimados como as bruxas, durante a Renascença, muitos indivíduos com essas mesmas deficiências

considerados desafortunados eram hospitalizados e tratados com atenção”.

O mesmo autor relata que “qualquer espécie de desvio nos pareceu uma ameaça, aquilo que é diferente nos incomoda e nós não nos permitimos descanso até que tal coisa seja separado e isolado de nossas vidas”. Por essa razão encontramos-nos separados dos deficientes físicos por estes serem diferentes.

Finalizando, um comentário com as palavras de Gordon (1974), “é a sociedade que cria os incapazes. Enquanto a maior parte das deficiências é produto do nascimento e acidentes, o impacto debilitante na vida das pessoas freqüentemente não é resultado tanto da “deficiência” quanto da forma como os outros definem ou tratam o indivíduo. Encarceramos centenas de milhares de pessoas com necessidades especiais em instituições de custódias, mesmo aqueles afortunados o bastante para receber serviços na comunidade, em geral encontram-se em ambientes segregadores e conseqüentemente estigmatizantes, tais como: associações de apoio e escolas especiais, através da institucionalização e do isolamento reflete o princípio de que os indivíduos com deficiência não têm interesse ou habilidade para interagir com a sociedade mais ampla”.

IV.3 - INTEGRALIZAÇÃO DO DEFICIENTE FÍSICO NA SOCIEDADE

LORENZO (1985), define "integração como: integração é o processo de incorporar física e socialmente dentro da sociedade as pessoas que estão segregadas e separadas de nós. Significa ser membro ativo da comunidade, vivendo onde outros vivem, vivendo com outros e tendo os mesmos privilégios e direitos que os cidadãos não deficientes".

Podemos entender que a integração é deixar de lado a rejeição de algumas pessoas, é dar aceitação a essas que são consideradas diferentes, podendo estas usufruírem das mesmas coisas que todas as pessoas "normais" tem direito, como serviços de saúde, moradia, transporte, educação, diversão, lazer, prazer e profissão, podendo ter opções de escolhas como todos.

Observamos que para a efetiva integração do deficiente físico na sociedade é preciso que entendamos que o problema do deficiente não está nele, enquanto indivíduo. O problema está nos ambientes físicos e humanos e no controle social

Para integração do deficiente físico na sociedade, cabe a esta criar um novo paradigma e acreditar, visualizar que o deficiente físico é capaz de ser bem sucedido, ter sucesso, ser útil a sociedade, assim como qualquer outro ser humano sem deficiência física.

Cabe à nossa sociedade conhecer melhor o deficiente físico, saber suas limitações físicas, aceitá-lo como participante, contribuidor desta sociedade.

Muitas vezes o que preocupa mais um deficiente físico são os efeitos sociais e psicológicos que ele enfrenta, e não propriamente sua incapacidade física.

O deficiente físico possui as mesmas necessidades básicas de uma pessoa normal. Então nós seres de uma cultura devemos trata-los com qualidades similares as de uma pessoa normal; e dar-lhes oportunidades especiais para uma auto-exploração, de modo que este esteja envolvido e feliz exercendo ou praticando o que deseja, sendo este aceito por todos.

Para o deficiente físico é muito importante desenvolver atividades em grupos ou estar junto com outras pessoas, ele precisa ser reconhecido, não somente pela sua integridade individual, mas também pela sua contribuição ao esforço do grupo como um todo.

CARDOSO (1992), afirma que: "a integração dessas pessoas ao grupo social não acontece de forma automática como seria desejado - é fruto de um processo que requer um esforço e planejamento, por parte de todos".

Devemos então conhecer os deficientes físicos; para que possamos intervir em suas realidades, precisamos ser autônomos, criativos e críticos.

IV.4 - A CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA PARA O DEFICIENTE FÍSICO

Na dança por ser harmoniosa, prazerosa, podendo enfocá-la como dança terapêutica, educacional, artística e expressiva, podemos notar sua enorme contribuição para os deficientes físicos.

Mesmo diante de tamanha discriminação aos deficientes físicos, estes estão caminhando no sentido de conquistar novos espaços que antes não lhes eram permitidos.

FIGUEIREDO (1997), afirma “a atividade corporal é fundamental para nós”. O que colocamos em prática são nossas experiências corporais relacionadas com o mundo que vivemos, a maneira de como o interpretamos e nos colocamos diante dele, isso tudo sendo demonstrado através de nossa linguagem corporal, o que não é diferente para os deficientes físicos. Estas vivências com o corpo e sim diferenciadas na maneira e forma de praticá-las, onde esta prática contribuirá para enriquecer a linguagem corporal, pessoal e relacional com o nosso universo e com sigo mesmo.

Segundo Vieira (1997), “dança que, enquanto vivência unificada do sensível e do inteligível, do sentir e do saber, revela a significação de um Ser interagindo com o mundo que o cerca”.

Ao indivíduo portador de deficiência física, possuindo sua restrição motora e uma diminuição na quantidade de movimentos com o seu corpo, podemos possibilitar a criação de formas expressivas de seus sentimentos interiores, em gestos não convencionais, dando ao praticante da dança o conhecimento para a descoberta dos limites do seu corpo e dando-lhes confiança e segurança.

“O trabalho de dança a ser desenvolvido busca permitir que este indivíduo se aventure, explore e descubra os caminhos de desenvolvimento do seu domínio corporal e da sua forma de expressão, ao contrário de permanecer sujeito a movimentos pré definidos. Um trabalho que o permita transpor as fronteiras, ser “desafiado” na sua própria pesquisa de movimentos e de interpretação e ser respeitado na sua singularidade de expressão. Onde o interesse esteja voltado para que o indivíduo sabe e ou pode fazer, e não para o que ele não pode”(Vieira, 1997).

Com a dança o deficiente físico pode adquirir uma maior segurança em trocas com suas linguagens corporais, dando um novo significado as formas de se viver.

O importante é dançar acreditando na magia que o símbolo corporal se expressa e torna um simples momento num grande significado de vida prazerosa.

IV.5 - O QUÊ E COMO DANÇAR

Dançar através de toques, massagens, alongamentos, jogos de expressão corporal, ritmo que proporcionam uma música, dinâmica gestual da dança moderna, clássica, expressiva e improvisada. Os fundamentos de dança apresentados aos deficientes físicos são os mesmos para os não deficientes, sendo estes fundamentos adaptados para cada indivíduo, após um estudo individual e uma avaliação física e psicológica executada.

Os deficientes físicos podem dançar em suas cadeiras de rodas, com suas muletas e outros auxiliares, ou então dançar sem estes, no solo ou no ar com o auxílio de outra pessoa. O que determina essas variações é a criatividade do professor de dança e a preparação do dançarino.

V - CONCLUSÃO

"O que aconteceria, se em vez de vivermos nossas vidas, nos entregássemos a loucura e a sabedoria de dança-la"?
(Garaldy, 1980)

Mesmo com muitas discriminações e dificuldades, hoje os deficientes físicos estão conquistando novos espaços e revelando sua importância na sociedade.

A dança tem como proposta ser um meio prazeroso, educativo e terapêutico para tornar inclusive a pessoa portadora de deficiência física, integrada. Com a sociedade.

“O que é de fato essencial em um ser humano não são os braços, pernas, olhos, ouvidos, mãos, enfim não é seu corpo anatômico. Esses são meios e não fins. A verdadeira essência de uma pessoa deve ser descoberta nesses momentos, em relação à vida e isso é invisível aos olhos, pois esses indivíduos não são pessoas deficientes, são pessoas portadoras de deficiências e que são, antes de tudo, indivíduos com necessidades de serem valorizados e amados como todos os outros” (Bertin, 1996).

Por maior que seja o grau de dificuldade que uma pessoa tenha fisicamente, devemos acreditar e fazê-las acreditar que nada é impossível de se realizar, o que deve ser feito é desejar, acreditar, visualizar, e se entregar à fé, lutar por seus direitos e deveres como todos.

É nossa mente que determina o que podemos ou não realizar devido ao que acreditamos; por isso cabe à nossa sociedade se conscientizar e adotar moldes para os deficientes físicos iguais aos das pessoas normais.

Cabe a nós exercer papel de agentes influenciadores (e não só influenciadores) da sociedade.

(Vieira, 1997) relata: "Estar dançando para o indivíduo portador de deficiência física revela a possibilidade do fazer, o prazer por fazer e o gostar por se conhecer."

Na dança, com o confronto das diferenças e semelhanças de linguagens corporais, enriquecemos nossa vivência e nossa relação com o que se encontra ao nosso redor.

A dança para o deficiente físico nos abre caminhos para reflexões, para conceitos de corpos dançantes, podendo ter estes diversas ou nenhuma formas anatômicas. O importante é estarmos dançando em igualdade numa mesma sociedade, num mesmo palco deficientes ou não. Danças nos faz perceber e viver os sentimentos dos nossos dias, através de nossos corpos.

A paciência, a bondade, o amor, a boa vontade, a alegria, a felicidade, a sabedoria e a compreensão são qualidades que devemos ter para conosco e com os outros, mas tudo isto não basta, devemos estar preparados cientificamente, nos atualizando sempre nos estudos sobre os assuntos que revelam a dança ao deficiente físico, no intuito de integrá-lo à sociedade, pesquisando e descobrindo inovações e conceitos.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TOMAZINI, C. A Evolução da Dança pelo Prisma da Defesas Corporais. Campinas: 1990. Relatório Final de Pesquisa

ROBATTO, Lia. Dança em Processo a Linguagem do Indizível. Salvador: 1994.

JESUS, A.N. Vivências Corporais: Proposta de Trabalho de auto-conscientização. Campinas: 1992. Mestrado.

PINTO, C.; Ellmerich, L. Manual do Balé. São Paulo: 1972.

ARIAS, F.M.D. Curso de Balé. São Paulo: 1973.

LAGÔAS, L. História de Ballet. Rio de Janeiro: 1989.

MENDES, G.M. A Dança. São Paulo: Ática, 1985.

FUX, M. Dança Experiência de Vida, Rio de Janeiro, 1983.

ACHCAR, D. Ballet Arte, Técnica, Interpretação. Rio de Janeiro, 1980.

GOUVÊA, R. Expressão Corporal, A linguagem do Corpo. Rio de Janeiro: 1979, Tecnoprint Ltda.

VIEIRA, A. Deste Corpo que Dança...O significado da dança para o indivíduo Portador de Lesão Medular. Campinas: 1997. Mestrado em Artes.

FIGUEIREDO, C.M.V. Olhar para O Corpo que Dança: Um sentido Para a Pessoa Portadora de Deficiência Visual. Campinas, 1997. Mestrado em Artes.

BERTIN, R.S. Eventos Especiais ou Eventos Adaptados, até que ponto estamos integrando? . Campinas: 1996. Monografia para o título de especialista em Ed. Física Adaptada.

LAROUSSE, K. Pequeno Dicionário Enciclopédico. Rio de Janeiro: 1979

GARAUDY, R. Dançar a Vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ADAMS, C.R, Daniel, N.A, Cubbin, M.C.A.J, Rullman, L. Jogos, Esportes e Exercícios Para o Deficiente Físico. São Paulo, 1985.

MURPHY, J. O Poder do Subconsciente. Rio de Janeiro: 1963.

RODRIGUES, J.C. O Corpo Liberado?. Rio de Janeiro, 1987.

LABAN, R.V. Dança Educativa Moderna. São Paulo: 1990.

FERREIRA, H.B.A. Novo Dicionário Aurélio. 1ª ed.